
Metodologias feministas: A reflexividade ao serviço da investigação nas ciências sociais

Sofia Neves e Conceição Nogueira¹

Resumo

A presente comunicação alude à importância e pertinência da utilização da reflexividade ao serviço das práticas metodológicas de investigação de cariz feminista nas Ciências Sociais, com especial ênfase na Psicologia.

Considerando-se o processo reflexivo como um pressuposto central da investigação e intervenção feministas e, logo, da Psicologia feminista, assume-se que no âmbito da construção do conhecimento científico e na criação dos seus respectivos discursos este exercício crítico de análise e de constante reavaliação de todos os factores ali implicados se reveste de toda a legitimidade.

Discute-se neste documento a influência das metodologias feministas na adopção da reflexividade como instrumento de permanente apreciação da actividade científica, dos seus múltiplos agentes e interlocutores/as e dos procedimentos que a ela presidem. São ainda levantadas questões relacionadas com a necessidade de desconstrução do paradigma dominante nas Ciências Sociais em geral, e na Psicologia em particular (o qual tem sustentado uma ideia de investigação centrada na objectividade, neutralidade e universalidade), com a premência da adopção de abordagens de investigação alternativas, que tenham em conta as especificidades culturais e a diversidade social, e com a inevitabilidade da mudança no sentido do incremento da responsabilização dos/as investigadores/as sobre a ciência que produzem e, particularmente, sobre o impacto que essa produção tem na vida quotidiana dos indivíduos.

Palavras-chave: Reflexividade, ciências sociais, metodologias feministas.

1. Introdução:

As ciências sociais, durante décadas, invocaram a chancela da *objectividade* como garante da produção de discursos científicos independentes, fidedignos, verdadeiros e universais (Nogueira, 1996; Tittoni & Jacques, 1998; Breuer, Mruck & Roth, 2002; Neves & Nogueira, 2003).

As abordagens positivistas da ciência, cujo legado se mantém visível nas práticas e metodologias de investigação científica actuais, ao encorajar a neutralidade e a imparcialidade dos/as investigadores/as face a todo o processo de pesquisa e de interpretação dos resultados dele resultantes, perpetuaram a visão do/a cientista alheado do seu objecto de conhecimento e de *costas voltadas* para a repercussão que a sua própria subjectividade causava no modo como lia e analisava os elementos observados. O ideal do/a cientista competente seria compatível por isso com a imagem do/a cientista despido das suas crenças, valores e ideologias e convenientemente desatento/a aos factores sociais, culturais, históricos e políticos que enformavam as performances dos/as actores/atrizes sociais com os/as quais interagia (face-a-face ou virtualmente).

Esta aparente ilusão de controlo da objectividade fez emanar, por parte de novas correntes epistemológicas (e.g. construcionismo social, construtivismo radical, Jarvilehto, 1999 in Breuer & Roth, 2003), uma série de críticas ao positivismo, patenteadas na defesa de formas optativas de ler e construir a realidade e os discursos dos seus múltiplos agentes, tendo em conta questões como a reflexividade, o equilíbrio de poder e a igualdade nas relações de investigação. De entre as várias abordagens críticas que levantaram a voz contra a manutenção de um sistema científico alienado das estruturas envolventes (estruturas de poder), as correntes feministas tiveram seguramente um papel de relevo (Harding, 1996), pelo facto de terem reiterado a indispensabilidade de se contestar a ordem dominante das ciências sociais, que para além de ser

¹ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho

reduzora, dado o seu carácter restritivo (e não inclusivo), é também opressora e limitadora das especificidades culturais e da diversidade societal.

Este texto concentra a sua análise na reflexividade enquanto prática auxiliadora da desconstrução do paradigma moderno nas ciências sociais. Por serem um modelo demonstrativo da relevância da utilização da reflexividade ao serviço das ciências sociais, as metodologias feministas irão aqui ser apontadas como exemplo de como os/as investigadores/as podem analisar e reflectir intencionalmente sobre os mais variados aspectos inerentes ao seu trabalho de investigação, com o objectivo de produzir *matéria discursiva significativa*².

2. A reflexividade e as ciências sociais

A importância da adopção de métodos reflexivos nas Ciências Sociais começou a ser defendida a partir da denominada crise positivista, nos anos 60 (Santos, 1998). As noções de subjectividade e reflexividade foram postuladas pelas epistemologias pós-modernas e pós-estruturalistas, bem como pelo construcionismo social, as quais desafiaram a pesada herança deixada pela maioria das ciências modernas, como a Psicologia e a Sociologia (Fox, no prelo).

Nas últimas duas ou três décadas, a natureza construída do conhecimento humano tem sido salientada por diversos/as autores/as, os/as quais defendem que todo e qualquer conhecimento depende do ponto de vista do sujeito epistémico (Gonçalves, 1997), não só no sentido espacial propriamente dito, mas sobretudo em termos metafóricos e gerais (Breuer & Roth, 2003).

“A ciência torna-se reflexiva sempre que a relação “normal” sujeito-objecto é suspensa e, em seu lugar, o sujeito epistémico analisa a relação consigo próprio, enquanto sujeito empírico, com os instrumentos científicos de que se serve, com a comunidade científica em que se integra e, em última instância, com a sociedade nacional de que é membro” (Santos, 1998, pág. 87).

Ultrapassado o óbvio litígio entre sujeito e objecto do conhecimento sustentado pelo paradigma positivista, as abordagens críticas impuseram a ideia de que as disciplinas científicas, longe de serem “produtos naturais”, são o resultado de um conjunto de práticas sociais, historicamente contextualizadas e próprias de uma determinada sociedade (Garay, Iniguez & Martinez, 2002). Assim sendo, não podem nunca derivar de um vácuo relacional entre os/as investigadores/as e os/as investigados/as, uma vez que as referências sociais de ambos se cruzam inevitavelmente no curso da investigação. A reflexividade deve, por isso mesmo, fazer-se sobre as implicações desse cruzamento de referências sociais, de forma a possibilitar um melhor entendimento das dinâmicas que se desenvolvem nos espaços de interacção.

A perda de certezas instituída pelas abordagens críticas ocasionou um novo discurso científico nas Ciências Sociais, onde a multiplicidade, a reflexividade, a dúvida, a polifonia e a descentralização do sujeito e da razão aparecem como características fundamentais (Fonseca, 1998). As mesmas características podem ser identificadas nas metodologias de investigação e de intervenção de cariz feminista, já que estas resgatam o valor da reflexão e da crítica subjacente à avaliação dos efeitos da dimensão social na produção dos discursos científicos.

² Por matéria discursiva significativa entendemos discursos com significado para os/as investigadores/as (por terem sido objecto da sua análise pessoal) e com significado para quem os descodifica (por ter sido previamente avaliado o impacto da sua disseminação no seio académico e na sociedade em geral).

3. A reflexividade e as metodologias feministas na psicologia

Como tivemos já oportunidade de mencionar, a epistemologia feminista contribuiu de maneira decisiva para a instauração do movimento crítico nas Ciências Sociais, propondo um processo de pesquisa que estimulava os/as investigadores/a a questionar permanentemente as suas formulações do conhecimento (Hill, Bond, Mulvey & Terenzio, no prelo).

A investigação feminista ilustra uma clara consciência dos/as investigadores/as acerca do seu papel e envolvimento pessoal na investigação (Reinharz, 1992). Sue Wilkinson apelidou esta consciência de *reflexividade pessoal*, representando esta uma espécie de disciplina de auto-reflexão acerca de quem somos, de como as nossas identidades – como cidadãos/ãs ocidentais, como membros de determinados grupos étnicos ou religiosos, como seres *genderizados*, como feministas – interferem no nosso trabalho e de como, por outro lado, o nosso trabalho influencia todos estes aspectos do nosso self (Crawford & Kimmel, 1999).

Do ponto de vista feminista, uma análise reflexiva da investigação científica e social parte do princípio de que o conhecimento é sempre e forçosamente moldado por quadros de referência sócio-políticos. Nesse sentido, a reflexividade deve pretender acima de tudo analisar o impacto que esses quadros de referência tem na produção dos discursos científicos, quer junto da comunidade científica, quer na cultura popular (Hammarström, 1999).

A reflexividade, ao constituir-se como um exercício e um instrumento de reflexão crítica, deve estar patente a vários níveis: 1) na identificação do exercício de poder, das relações de poder e dos seus efeitos no processo de investigação, 2) na análise da teoria particular do poder que permite uma conceptualização particular das relações de poder (escondidas ou não), 3) no reconhecimento dos julgamentos éticos que enquadram a investigação e definem os limites dos valores partilhados e dos interesses políticos (isto pressupõe uma reflexão acerca de possíveis danos que possam resultar da investigação e de como isto pode ser evitado) e finalmente 4) na responsabilidade pelo conhecimento que é produzido (Ramazanoğlu & Holland, 2002). De acordo com Caroline Ramazanoğlu e Janet Holland (2002), os/as investigadores/as reflexivos/as necessitam de desenvolver estratégias práticas e efectivas para obter a reflexividade nos quatro níveis apresentados.

Podemos assim assinalar que as metodologias feministas são reflexivas na medida em que implicam o reconhecimento da influência dos factores sociais, históricos, culturais e políticos na construção do conhecimento (negando assim a possibilidade da neutralidade e da objectividade) e o reconhecimento do envolvimento dos/as investigadores/as na produção da ciência e dos seus discursos.

Referências Bibliográficas:

- BREUER, Franz & ROTH, WOLFF-Michael (2003). Subjectivity and Reflexivity in the Social Sciences: Epistemic Windows and Methodical Consequences. *Forum: Qualitative Research* (Online Journal). 4. Disponível em <http://www.qualitative-research.net/fqs-texte/2-03/2-03intro-3-e.htm> (consulta em Fevereiro de 2004).
- CRAWFORD, Mary & KIMMEL, Ellen (1999). Promoting methodological diversity in feminist research. *Psychology of Women Quarterly*. 23, pp. 1-6.
- FONSECA, Tânia M. GALI (1998). Epistemologia. In Jacques, Maria G., Strey, Marlene, Bernardes, Maria G., Guareschi, Pedrinho A., Carlos, Sérgio e Fonseca, Tânia (Eds.). *Psicologia Social Contemporânea*. Petrópolis: Editora Vozes.
- FOX, Dennis (no prelo). Invited Commentary. In Nelson, Geoffrey and Prilleltensky, Isaac (Eds.) *Community Psychology: In Pursuit of Well-being and Liberation*. New York: Palgrave Macmillan.
- GARAY, Ana, INIGUEZ, Lupicínio & MARTINEZ, Luz (2002). Perspectivas críticas en Psicología Social: Herramientas para la construcción de nuevas psicologías sociales.

- GONÇALVES, Miguel (1997). Constructivismos, relativismo e avaliação psicológica. In Actas do Congresso *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos*. Pp. 53-62. APPORT: Portugal.
- HARDING, Sandra (1996). *Ciencia y feminismo*. Madrid: Ediciones Morata.
- HAMMARSTRÖM, Anne (1999). Why feminism is public health? *Scandinavian University Press*. 27, pp. 241-244.
- HILL, Jean, BOND, Meg A., MULVEY, Anne & TERENCE, Marion (no prelo). *Methodological Issues and Challenges for a Feminist Community Psychology: An Introduction to a Special Issue*.
- NEVES, Sofia & NOGUEIRA, Conceição (no prelo). A Psicologia Feminista e a Violência contra as Mulheres na Intimidade: A (Re)Construção dos Espaços Terapêuticos. *Psicologia e Sociedade*.
- NOGUEIRA, Conceição (1996). *Um novo olhar sobre as relações sociais de género: perspectiva feminista crítica na psicologia social*. Dissertação de Doutoramento em Psicologia Social. Braga: Universidade do Minho.
- RAMAZANOĞLU, Caroline & HOLLAND, Janet (2002). *Feminist Methodology: Challenges and Choices*. London: Sage.
- REINHARZ, Shulamit (1992). *Feminist Methods in Social Research*. New York: Oxford University Press.
- SANTOS, Boaventura S. (1998). *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Porto: Edições Afrontamento.
- TITTONI, Jaqueline & JACQUES, Maria G. (1998). Pesquisa. In Jacques, Maria G., Strey, Marlene, Bernardes, Maria G., Guareschi, Pedrinho A., Carlos, Sérgio e Fonseca, Tânia (Eds.). *Psicologia Social Contemporânea*. Petrópolis: Editora Vozes.